

Formas de habitar o presente

Por Diego Paleólogo e Vinícios Ribeiro*

“Sigo nas ruas
Sem medo de ser feliz
Corro meus riscos
Vivendo sempre por um triz”.
GA31, *A força da mulher sapatona*

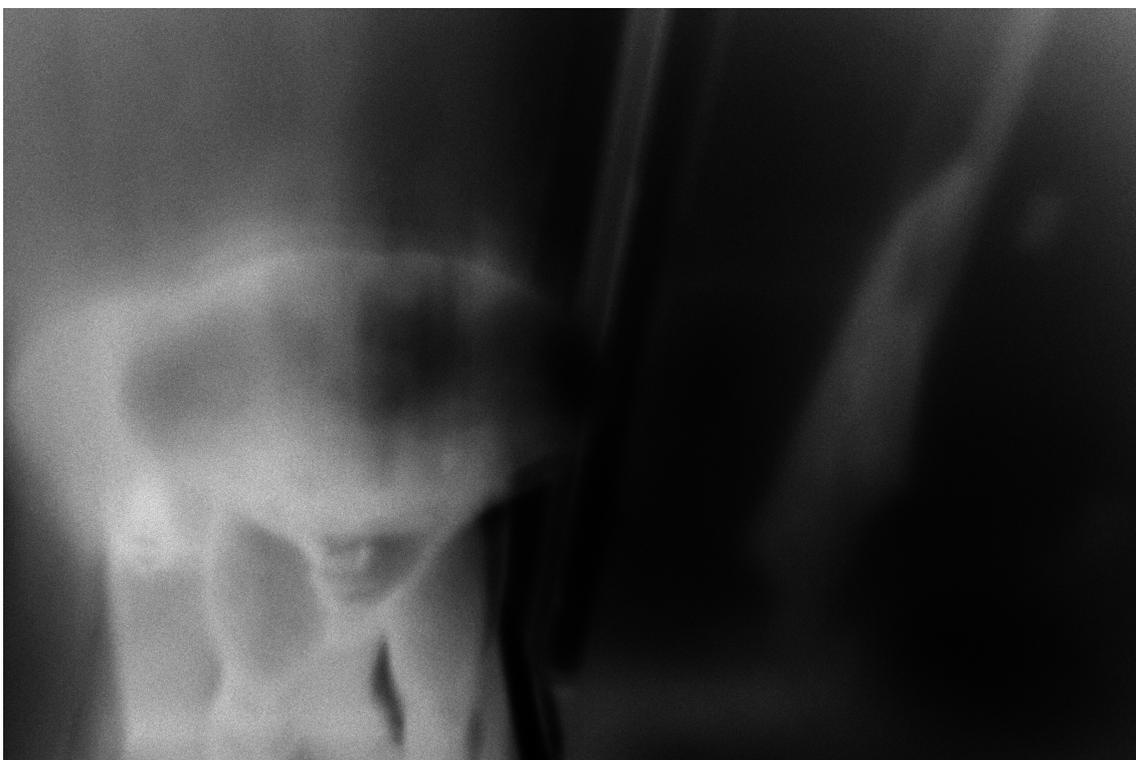


Figura 1. *Necrotopia*, Diego Paleólogo.

As pichações nos muros das cidades são como tatuagens temporárias em corpos em constante mudança: sitiados, precarizados, deslocados, destruídos, executados. O Estado neoliberal e seus agentes militarizados avançam por todos os cantos, roubando nosso tempo e colonizando nossos futuros —ou

pior: invadindo nossa capacidade de sonhar e a contaminando com resíduos tóxicos de suas necropolíticas.

“Formas de habitar o presente”, também um projeto de pesquisa¹, é uma tatuagem, é uma pichação, é uma re-in-existência: as colaboradoras e colaboradores foram enredadas a partir dos espaços afetivos e geopolíticos que ocupam na vida dos editores —encontros, trocas, curtir posts, compartilhamentos e salvagens. Amizades e parcerias que se desenvolveram com e no tempo das pesquisas, das teses, dos bares.

Habitar o presente, então, é fazer um gesto político, ético e estético diante das manobras políticas do que T. J. Demos chama de petroc capitalismo: é ocupar o agora para que haja algum *outro* futuro; ocupar com densidade esse presente intempestivo é, também, dobrar e quebrar o dispositivo da história —essa história branca, cishéteronormativa, colonial— e inventar outros e novos modos de vida, de coexistência, de prazer e de lazer.

Se abandonamos o presente na direção das utopias distópicas de um futuro não imaginado, produzimos um vácuo que é rapidamente ocupado, tomado por discursos e práticas do ódio, da vingança, do neoconservadorismo. Nossa capacidade de imaginar, assim como nossa possibilidade de sonhar, é violentada, silenciada e nos dizem: existe apenas um único futuro, existe apenas um único tempo.

¹ O dossiê é o primeiro fruto do projeto de pesquisa “Formas de habitar o presente”, desenvolvido pelo professor Vinícios Ribeiro, no Departamento de História e Teoria da Arte, da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisa visa compreender e acompanhar práticas artísticas e educativas contemporâneas, sobretudo as que partem dos marcadores sociais da diferença para suas produções poéticas, suas construções epistemológicas e inserções políticas. O interesse central repousa nas articulações de redes e coletivos que buscam sobreviver e habitar o tempo presente, suas estratégias de fissurar e implodir a estrutura social baseada na exploração, violência e colonização dos corpos. A interlocução com artistas, coletivos e espaços de estudos e pesquisas visa produzir um registro sistemático dessas ações, de modo que seja possível reunir e disseminar essas informações. Além de fortalecer o campo de estudos de gênero e sexualidade nas artes e na cultura visual.

A sociedade civil organizada, grupos de intelectuais e artistas têm buscando constantemente redimensionar a esfera pública, engajados em lutas que visam reduzir as assimetrias sociais, as marcas da desigualdade com bases históricas na economia e política colonial, com o objetivo de justiça social e um outro projeto de nação. Se as últimas décadas foram marcadas por conquistas para populações excluídas, garantias mínimas de direitos humanos, políticas de proteção social, acesso à universidade, o presente se mostra perigoso e hostil.

Ao observamos os dois últimos temas da Bienal de São Paulo, “Como [...] coisas que não existem” (2014) e “Incertezas vivas” (2016) e a Bienal do Mercosul, “Triângulo do atlântico” (2018), perceberemos o quanto os próprios espaços institucionais das artes visuais buscam um diálogo mais amplo e uma pluralidade de vozes e narrativas, orbitando justamente nas possibilidades de uma existência comum no contemporâneo, para nos lançarmos às errâncias e incertezas do futuro.

O recrudescimento do conservadorismo aponta que quanto maior as forças de resistência, maior o polo de contra-resistência para manutenção do *status quo*. É recorrente, no cotidiano midiático, relatos de tentativas de censuras sobre práticas artísticas e educativas, invasões de instituições culturais e de ensino por parte de forças repressivas e conservadoras, como uma maneira de intimidar e cercear as garantias civis. Assim como proposições, em inúmeras câmaras municipais e estaduais, de projetos aos moldes do “escola sem partido”, que mascaram seus interesses sobre uma suposta máscara de isenção dos conteúdos. Todavia, os interesses desses grupos políticos e ideológicos orbitam sobre a violência patriarcal, conservadorismo, racismo, intolerância religiosa, sexista, classicista e trans-lesbo-homofóbica.

As práticas artísticas e as produções audiovisuais mapeadas e investigadas nesse dossiê operam, justamente, como máquinas de enfrentamento aos

microfascismos, ao conservadorismo e a violência estrutural da formação da sociedade brasileira. São maneiras e políticas de resistência a um aparato estatal pautado pelo extermínio da juventude negra e pela criminalização da pobreza. Um embate contra o projeto contínuo de colonização de corpos e territórios brasileiros, que visa entregar ao capital financeiro global a biodiversidade do país, precarizar as relações trabalhistas, retirar as garantias mínimas de acesso às políticas sociais, desmonte da rede de proteção social, ataque aos saberes artísticos, culturais e educativos do povo, assim como efetivar uma educação bancária, como dizia Paulo Freire (1987), em detrimento de uma educação crítica e emancipadora.

As e os pesquisadoras/es e práticas artísticas, que constroem essa edição, já não suportam mais os silenciamentos, a precariedade material, a exclusão dos espaços formais de ensino. Querem falar de si e por si, traçar suas epistemologias, buscar suas ancestralidades e desafiar a estrutura racista e opressora que ancora o tecido social brasileiro. Desse modo, justifica-se como um posicionamento acadêmico e um compromisso com uma universidade popular e socialmente referenciada.

“Formas de habitar o presente” se configura em nossa necessidade urgente de ancorar nossos esforços investigativos no agora, nas possibilidades de resistir em um contexto global perverso (Santos, 1999). Nas maneiras de dismantelar as novas caravelas coloniais (Mombaça, 2016), habitar a necroestética e lutar nas arenas de necropolítica (Preciado, 2014). Mais ainda, acompanhar os movimentos de jovens artistas que são atravessados por marcadores sociais da diferença de classe, raça, gênero e sexualidade e como seus corpos os conduzem por movimentos, percursos e outras geografias em espaços tradicionalmente excludentes, ancorados na branquitude, no eurocentrismo e no patriarcado.

Como falar em movimentos, gestos e estruturas pós-coloniais se a expropriação física e afetiva da população negra ainda é um projeto vigente (no Brasil)? De que maneira sonhar quando setores conservadores assaltam o Estado (a política, o espaço público) e impõem sobre nossas vivências as estreitas e sufocantes molduras da heteronorma patriarcal? E qual o lugar dos corpos, mentes e corações dissidentes, resistentes re-existent na necropolítica instaurada?

A atualidade se abre como um espaço de tensões e articulações, negociações e destruições; uma temporalidade instável, em disputa —a atualização constante de um passado colonial e colonizador que insiste em se manter *presente*. As imagens, em algum movimento possível, operam como mediadoras entre o real e as formas de habitar e re-imaginar o que poderíamos chamar de ruínas dos corpos, dos desejos, do futuro, das instituições...

De que modo podemos habitar e resistir no presente, para sonhar outros mundos? Nesse sentido, o esforço do dossiê “Formas de habitar o presente” se dá pela busca de falas que foram silenciadas, na escuta atenta aos seus saberes, técnicas, métodos e estratégias de sobrevivência. Se muitos cineastas, artistas e pesquisadores contemporâneos são acusados de agressividade e/ou de gritarem, tal movimento pode se dar como a única maneira de se fazer ouvir em espaços que os silenciam. Gritos e enfrentamentos para operar maneiras de descolonização mental (Fanon, 2008), corporal, epistêmica e territorial.

Há, sobretudo no espírito do tempo contemporâneo, uma radicalidade inegociável como estratégia de luta e resistência. Corpos que não podem recuar, pois muitas das vezes não há um lugar para retornar (Hooks, 2009). Populações removidas para obras de grandes eventos, jovens negros assassinados pela polícia, travestis expulsas das famílias, da escola, do dia a dia; vivências massacradas, interrompidas e anuladas. Corpos precários que

ocupam *frames* em películas e projeções digitais no cinema, mas que encarnados no cotidiano social são exterminados, assassinados, desumanizados, conduzidos à abjeção. A genealogia do radicalismo (Castillo e Moraga, 1988) é encontrada justamente na impossibilidade de manter um sistema patriarcal eurocêntrico e colonialista que explora, historicamente, o corpo feminino negro, pobre, indígena, terceiro-mundista, lésbico e trans das nossas grandes, médias e pequenas cidades, dos vilarejos, das áreas indígenas e das áreas rurais.

A artista portuguesa Grada Kilomba, cujo trabalho compôs a 32ª Bienal de São Paulo, enfatiza a urgência de uma descolonização mental e a necessidade das populações historicamente oprimidas e silenciadas elaborarem suas narrativas. Desse modo, Grada Kilomba resiste e convoca os corpos subalternizados a habitarem o presente. São formas e maneiras de artistas, cineastas, coletivos e pesquisadores construir outras epistemologias e saberes para ocupar o cotidiano. E, não menos importante, um ataque a espinha dorsal das múltiplas colonizações em curso.

Da estetização da política à politização da arte; dos corpos e das subjetividades às ruínas; das dissidências sexo-políticas às alteridades epistêmicas, “Formas de habitar o presente” apresenta propostas parciais, palavrarias, escritas e as imagens insubmissas para compor (um corpo-texto-animal-ciborgue?), uma monstruosidade estético-política para ocupar e habitar (as instabilidades) o presente.

Nesse dossiê a leitora poderá transitar entre pornografias de corpos gordos, gays, que não se sujeitam aos padrões estético-políticos da branquitude eurocêntrica; os desaparecimentos a partir das noções de traços e vestígios, no contemporâneo cinema brasileiro; entre possibilidades em torno da construção de uma metodologia audiovisual decolonial, enfocada na escuta do outro e na sua valorização como sujeito, dotado de história e agência política;

entre o desejo de revelar assim um mundo que não é somente feito de coisas, mas é também de formas infinitas; um mundo que se transforma na consciência humana e, à medida que essa consciência muda, este mundo também muda; uma leitura de obras e práticas do campo cinematográfico que delineiam maneiras de apropriar-se de elementos da cultura audiovisual e midiática a partir de perspectivas dissidentes; tensionamento entre os conceitos de Afrofuturismo e Afropessimismo para questionar o lugar das distopias narrativas negras (a partir do cinema, da música e da literatura) na contemporaneidade.

As autoras e autoras que compõem o dossiê também nos atravessam em territórios afetivos. São interlocutoras/es que nos permitem seguir acreditando no mundo e que o torna mais aconchegante, diminuindo a sensação de isolamento ou de solidão. São corpos que se juntam e se organizam, provisoriamente, reacendendo a chama da vida. São as doces e urgentes palavras de Alexandre Sequeira, Alice Martins, Kênia Cardoso Vilaça de Freitas e José Messias, Ramayana Lira e Alessandra Brandão, Ana Lúcia Nunes, Camila Vieira, Erly Vieira Junior e Fábio Ramalho, que nos apresentam perspectivas para além do olhar masculino, branco e colonizador sobre as tessituras da vida, suas matizes e complexidades.

Agradecemos a essa rede de afetos que se juntaram a nós, nessa mirada ao presente. E também à Beatriz Morgado, Lucas Murari e Rodrigo Sombra por realizarem as entrevistas de Juliana Notari e T.J. Demos que se entrecruzam de maneira que podemos escavar o passado/presente a fim de descolonizar o futuro. Com o professor T. J. Demos caminhamos sobre as incertezas e instabilidades de um mundo marcado pelo petrocapitalismo, mudanças climáticas devastadoras e estados e corporações cujo único objetivo é o lucro acima de qualquer vivência —adentramos na falácia e na captura do “antropoceno”. Tomarmos os mundos e reimaginá-los, se coloca,

provisoriamente, como uma tentativa de habitar esse tempo presente. Marielle e Anderson, presentes. Hoje e sempre.

Referências bibliográficas

- Fanon, Frantz (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.
- Freire, Paulo (1987). *Pedagogia do oprimido*. 17. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hooks, Bell (2009). *Belonging: a culture of place*. New York: Routledge.
- Kilomba, Grada (2016). "A máscara" in *Cadernos de Literatura em Tradução*, Trad. Jessica Oliveira de Jesus, n. 16, pp. 171-180.
- Mombaça, Jota (2018). "Para desaprender o queer dos trópicos: Desmontando a caravela queer" in *Ssex Bbox*. Disponível em: <http://www.ssexbbox.com/para-desaprender-o-queer-dos-tropic-desmontando-a-caravela-queer/>. (Acesso: 20 de março de 2018).
- Moraga, Cherie e Castillo, Ana (1988). *Esta puente, mi espalda: voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*. San Francisco: Ism Press.
- Preciado, Paul. B (2018). "O feminismo não é um humanismo" in *Jornal O Povo*. Fortaleza, 24 nov 2014. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/filosofiapop/2014/11/24/noticiasfilosofiapop,3352134/o-feminismo-nao-e-um-humanismo.shtml>. (Acesso: 20 de março de 2018).
- Santos, Milton (2000). *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record.

* Diego Paleólogo: Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ. Artista visual. Professor substituto na ECO-UFRJ. Estágio de pós-doutoramento no PPGCOM da UERJ com a pesquisa "Por uma estético-política do fim do mundo: apocalipses zumbis e distopias". E-mail: diego.paleologo@gmail.com

Vinícios Ribeiro: Professor Adjunto da Escola de Belas Artes. Chefe do Departamento de História e Teoria da Arte, BAH/EBA. Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. E-mail: vrkabral@gmail.com